

Ressignificação da memória na paisagem urbana: levantamento de gênero e raça nos monumentos das praças de Fortaleza.

SESSÃO TEMÁTICA: ET4 DIMENSÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL DO PROJETO,
PLANEJAMENTO E GESTÃO DA PAISAGEM

Clarissa Salomoni de Menezes
Universidade Federal do Ceará e Universidade Christus
clarissa.menezes@unichristus.edu.br

Suzy de Fátima Crisóstomo Oliveira
Universidade Christus
crisostomosuz@gmail.com

Ednara Lavigne Vasconcelos Garcia
Universidade Christus
ednara15lavigne@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura crítica da paisagem urbana a partir de um inventário dos monumentos existentes nas 28 praças centrais de Fortaleza, partindo do pressuposto de que a paisagem é também documento material onde memória e relações de poder se manifestam e se resignificam no tempo. O método contou com aplicação de fichas e análise dos 51 monumentos identificados. Os resultados foram discutidos com base em teóricos que contextualizam dimensões artístico-estéticas e valores sociais de representação sobre marcadores de raça e gênero. Os achados revelam lacunas de representatividade: homenagens a mulheres com biografia real restringem-se a duas figuras, ambas inseridas após 2000, o homem negro também é subrepresentado e possui apenas dois monumentos. A análise expõe uma amnésia histórica em Fortaleza, onde alguns homenageados são controversos, pois trajetórias ligadas a ideologias eugenistas e ditatoriais foram minimizadas. Conclui-se que a paisagem memorial operou como vetor de cristalização de heróis nacionais na forma de uma representação masculina e branca. O desafio reside em discutir a sacralidade da memória oficial e fomentar debate público inclusivo que amplie a diversidade de memórias na paisagem urbana.

PALAVRAS-CHAVE: representatividade; resignificação, produção de dados, monumentos; paisagem.

ABSTRACT

This article proposes a critical reading of the urban landscape based on an inventory of the monuments located in the 28 central squares of Fortaleza, starting from the assumption that the landscape is also a material document where memory and power relations are manifested and re-signified over time. The method involved the use of survey forms and the analysis of the 51 identified monuments. The results were discussed based on theorists who contextualize artistic-aesthetic dimensions and the social values of representation related to markers of race



and gender. The findings reveal gaps in representativeness: tributes to women with real-life biographies are limited to two figures, both installed after 2000, while Black men are also underrepresented, with only two monuments. The analysis exposes a historical amnesia in Fortaleza, where some honored figures are controversial, as trajectories linked to eugenic and dictatorial ideologies have been minimized. It is concluded that the memorial landscape has operated as a vector for the crystallization of national heroes in the form of a white, male representation. The challenge lies in questioning the sacrality of official memory and fostering an inclusive public debate that expands the diversity of memories represented in the urban landscape.

KEYWORDS: representativeness; resignification; data production; monuments; landscape.

1 INTRODUÇÃO

A paisagem urbana não é apenas um cenário físico; ela é entendida como a expressão espacial e o reflexo das lógicas de apropriação que moldam a vida coletiva. Conforme Segato (2022) postula, a paisagem é o lugar onde se escreve a história e se materializa a memória coletiva. A paisagem, portanto, atua como um documento material, um arquivo que coleciona e expõe narrativas construídas no tempo, cuja interpretação é fundamental para a compreensão das relações de poder presentes na paisagem, relações que são dinâmicas e resignificadas. Como sugere Menezes (2006), a cidade/paisagem é uma "coisa feita", dimensão física que contém a história de padrões locacionais, mas é também, inegavelmente, um campo de forças e conflitos de interesses. As práticas que dão forma e função à cidade, também lhe dão sentido e inteligibilidade e alimentam-se elas próprias nesse sentido. Assim, não há significados sociais sem práticas sociais, como também não há significados sociais sem vetores materiais. A cidade entendida como bem cultural vai abranger diferentes matizes:

“tem matrizes no universo dos sentidos, da percepção e da cognição, dos valores, da memória e das identidades, das ideologias, expectativas, mentalidades etc. Todavia, as representações, para deixarem de ser mero fato mental ou psíquico e integrarem a vida social, precisam passar pelo mundo sensorial, do universo físico: o patrimônio ambiental urbano tem matrizes na dimensão física da cidade, pois é por meio de elementos empíricos do ambiente urbano que os significados são instituídos, criados, circulam, produzem efeitos, reciclam-se e se descartam” (Menezes, p. 36, 2006).

Sandercock (1998) é uma autora americana referência ao falar de revisitar e rerepresentar a história do planejamento e da produção da paisagem, investindo-a de significados contemporâneos. Para isso, ela sugere dois caminhos: o primeiro, pela recuperação de práticas insurgentes e não oficiais de apropriação do espaço; e o segundo, pela leitura crítica dos textos e da materialidade da cidade e da paisagem que narram a história oficial, buscando práticas e significados ocultos a serem reexaminados. O objetivo desse ensaio se enquadra no segundo caminho, pois se propõe a discutir as representações (gênero e raça) presentes em monumentos – estátuas, esculturas, totens comemorativos – entendidos e valorizados em um lugar de poder como uma praça pública.

Araújo (2022) vai ao encontro dessa ideia quando menciona que o campo da memória, do patrimônio e da identidade se relaciona com a seleção e criação de valores e regras. Há agências e agentes dentro desse campo permeado por disputas. E isso



não é congelado no tempo, é uma questão presente e permanece em movimento. Essa ideia de disputa é um campo fértil para questões contemporâneas, muitos direitos são tensionados pela arena pública, assim cada vez mais aparecem reivindicações de reconhecimento de histórias, de contribuições diversas e plurais na paisagem da cidade.

Chuva (2022), acrescenta que a agenda das políticas de memória tem se transformado, voltando-se para o debate da memória como direito. Sendo assim, faz sentido levantar e investigar questões de representação e pluralidade dos monumentos das praças centrais de Fortaleza. O foco reside em diferentes tipologias de monumentos que surgem nas praças: estátuas, esculturas – individuais ou coletivas- bustos e totens, chafarizes, etc. Por sua existência na paisagem, são mecanismos poderosos para disputar narrativas e memórias.

O objetivo é tanto chegar a um levantamento quantitativo, atualização dos monumentos do centro e possibilidade de mapeamentos, quanto abrir espaço para a problematização e discussão sobre a falta de pluralidade de leituras sobre os monumentos, demonstrando que as narrativas de grupos historicamente subjugados foram apagadas dos espaços da cidade, assim como de nossa paisagem. Espera-se chegar a contornos mais claros sobre se há grupos sub-representados, nos monumentos do centro de Fortaleza, como também se há grupos sobre-representados.

No caso de monumentos que homenageiam pessoas, foco desse estudo, eles sempre remetem a pelo menos três tempos: o tempo em que o homenageado viveu, ao tempo em que o objeto foi elaborado, ao tempo presente, quando ele é cotidianamente ressignificado por aqueles que o veem (Lima et al, 2022). Por isso é importante marcar que esse é um estudo a partir do tempo presente, considera dimensões de representatividade contemporâneas e assume a perspectiva de raça e gênero no levantamento de dados.

2 METODOLOGIA

Para esta pesquisa, houve a escolha por autores que entendem a memória e monumentos como um campo de tensões e disputas, Aqui, os principais textos articulados foram Araújo (2022), Meneses (2006), Chuva (2022), Bauer e Borges (2019) e Huyssen (2000). Essa escolha se deu pois esses autores articulam a disputa pela memória presentes nos monumentos como um campo de tensões, tratando inclusive da crescente temática da contestação das estátuas no espaço público no Brasil e no mundo. Essa bibliografia foi articulada com os autores Knauss (2000b) e Sarmiento e Capelo (2000). O primeiro historiciza a estátua pública na paisagem das cidades brasileiras e o segundo descreve por meio de um inventário dos monumentos presentes nas praças do centro da cidade de Fortaleza. O recorte espacial do bairro foi importante, uma vez que decidimos visitar e inventariar as praças estudadas. Outra justificativa da escolha é que o centro é o tecido mais antigo da cidade e concentra grande número de monumentos. Nosso objeto de pesquisa foi delimitado nas 28 praças centrais, com os monumentos públicos que as compõem.

Com o universo de dados a ser estudado delimitado, dividimos em grupos e acompanhamos com softwares gratuitos de georreferenciamento o inventário dos monumentos. As visitas de campo aconteceram com a aplicação de uma ficha que previa o preenchimento da tipologia do monumento, estado de conservação, porte,



autor, data de inauguração, localização do monumento, representação de raça, gênero, fotos, entre outras informações. É importante destacar que a própria elaboração da ficha é um dos métodos presentes na nossa pesquisa, tendo sido formulada com base em outros estudos, como o estudo “Patrimônio e Memória” de Caneco *et al.* (2023), publicação do Instituto Pólis.

Há muitas homenagens que tomam esta forma mais pragmática ao demarcar o espaço público, para os objetivos de entender a seleção das representações, julgamos importante considerar essas manifestações. No levantamento foram consideradas placas, totens e relevos, além das estátuas. Durante a pesquisa houve dificuldade de acessar a história, data de inauguração e biografia sistematizada de alguns monumentos que homenageiam pessoas. Outro ponto é que houve dificuldade de levantar/acessar algumas praças devido às obras de mobilidade, que estavam acontecendo em 20% das praças, podendo haver inconsistências no mapeamento do inventário dos monumentos.

Na análise e elaboração dos resultados, codificaram-se os resultados das fichas de levantamento, chegando em um panorama quantitativo que apresenta categorias homenageadas nos monumentos a partir de gênero e raça na forma de gráficos que importam para a construção da discussão de resultados e conclusão da pesquisa.

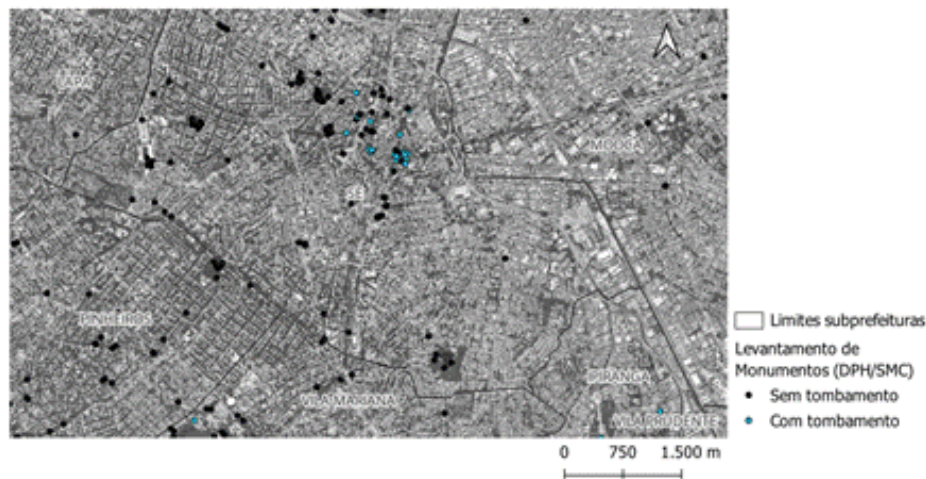
3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 MONUMENTO OU MONUMENTO HISTÓRICO

Para começar é importante distinguir monumento histórico de monumento, para Choay (2001) o monumento pode ser definido como “qualquer artefato edificado por um grupo social para se recordarem ou fazer recordar a outras gerações acontecimentos, sacrifícios, ritos e crenças” (Choay, 2001, p. 17). A principal diferença reside na intencionalidade de sua criação e no valor atribuído pelo tempo. Um monumento é construído para lembrar um evento ou pessoa, enquanto um monumento histórico é um objeto – artefato ou edifício - passado cujo valor histórico é reconhecido posteriormente, muitas vezes exigindo proteção legal. O monumento histórico segundo a mesma autora, corresponde a todo objeto produzido por uma sociedade, sem que haja uma finalidade precedente memorial (Choay, 2001), são valores que serão construídos e reconhecidos no tempo.

Apesar de saber dessa distinção, na paisagem das praças públicas estão dispersos monumentos diversos, alguns são considerados patrimônios e foram tombados, outros permanecem na paisagem sem tombo, outros não seriam considerados patrimônio. O Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH), conta com o mapeamento dos monumentos da cidade georreferenciados. Seriam elementos escultóricos, estátuas e totens com funções diversas e presentes em diferentes tipologias: bustos, estátuas, esculturas abstratas, totens, placas, hermas, painéis chafarizes, bustos, cabeças e alto relevos etc. Para fins de cadastro, georreferenciamento e elaboração de dados quantitativos, essa parece ser uma abordagem acertada, uma vez que é possível categorizar e quantificar informações a partir de um levantamento integral. Assim permite consolidar dados para uma gestão desses monumentos, ao invés de propor uma visão aprofundada mas segmentada de uma única tipologia.

Figura 01: Mapeamento dos Monumentos existentes em São Paulo.



Fonte: Elaboração a partir de dados do DPH(2019).

Essa gestão que inclui diferentes tipologias é adequada para uma pesquisa que mais que olhar para a materialidade desses subtemas, busca perceber e realizar um levantamento sobre a pluralidade das representações de todos os elementos presentes na paisagem das praças de Fortaleza. No que se pese as discussões de pluralidade, é inegável que o modelo de produção de cidades e de paisagens urbanas no Brasil – advindo de uma matriz patriarcal, capitalista e colonialista de poder – continue apagando diferentes contribuições de nossas cidades (Berth, 2023). Uma face evidente desse processo são as simbologias e representações presentes nos espaços públicos. Fatores estruturantes da sociedade, como gênero, raça, classe orientam e condicionam as relações de poder no espaço construído, devendo, por essa razão, permear a análise das escolhas de nomeações e homenagens.

Embora a cidade de Fortaleza conte com levantamentos quantitativos e trabalhos importantes que abordam a paisagem urbana, ainda havia uma lacuna na pesquisa por uma abordagem quali-quantitativa que reinterprete esse conjunto de estátuas sob o prisma da diferença e da representação. As publicações e levantamentos existentes na cidade de Fortaleza sobre as estátuas presentes em praça pública em sua maioria realizam inventários quantitativos descritivos, como a última publicação de Sarmiento e Capelo (2000). Ou reinterpretam esses monumentos na paisagem a partir de uma leitura crítica que considere marcadores de colonialidade e dominação masculina, mas operam com a seleção de alguns exemplares. Nesta última perspectiva, há também a contribuição de Ratts (2016) que coloca a importância de identificar marcas da colonialidade na paisagem para traçar um mapa da diferença étnica e racial, brasileira e cearense.

Nesse sentido, havia uma lacuna de um trabalho que ponderasse sobre representatividade com uma leitura crítica da paisagem, utilizando uma abordagem quantitativa-qualitativa. Por isso, o objetivo central deste trabalho é levantar e avaliar as representações do acervo de monumentos existentes nas 28 praças centrais de Fortaleza, analisando os padrões de repetição e as categorias que emergem dos significados dos monumentos biográficos, aqueles que homenageiam pessoas. Ao realizar esse levantamento e organização, o artigo busca criar possibilidades para a discussão da invisibilidade de certos grupos no tecido mais antigo da cidade, servindo também como base de dados atualizada para futuros estudos sobre memória, paisagem, direito à cidade e áreas correlatas.

3.2 MEMÓRIA OFICIAL NA PAISAGEM DOS MONUMENTOS, POSSIBILIDADES DE RESSIGNIFICAÇÃO E (RE)INTERPRETAÇÕES

As praças têm importante lugar e poder nas cidades, qualquer estátua ou totem que é incluído nesse espaço adquire uma aura de monumento. Canclini (2013) menciona que os monumentos existentes na cidade, são revestidos por uma espécie de “liturgia autoconsagradora do poder”, para empregar a expressão do autor. Trata-se de uma forma peculiar e intencional de homenagem que, muitas vezes, é simplesmente entendida como patrimônio pela mídia. Conforme, já explicamos, monumentos diferem de monumentos históricos e assim divergem sua necessidade de preservação, ainda assim, o convívio na paisagem das praças públicas revestem ambas as situações de uma aura de poder.

As praças são espaços de poder nas cidades, onde estátuas e totens adquirem aura monumental. Esses elementos configuram uma paisagem simbólica que expressa valores de seu tempo e celebra personagens historicamente legitimados por grupos hegemônicos (Chuva, 2022). A elaboração do monumento na paisagem tem sua origem ligada ao sentido de lembrar, advertir e tem uma função didática e pública de se conectar ou construir memórias, isto é, transmitir ao futuro os acontecimentos que devem ser rememorados. Sem dúvidas, representam valores de uma sociedade e são testemunhos materiais de uma cultura que os originou.

“Lugares de memória existem para nos recordar, constantemente, quem fomos e quem podemos ser enquanto comunidade. É muito natural que o valor desses lugares se transforme com o tempo, na mesma medida em que a própria sociedade se transforma. Monumentos não apenas apontam para um passado; eles próprios são constituídos de historicidades, ou seja, de combinações complexas de passados, presentes e futuros: de futuros passados, passados presentes, presentes futuros e assim por diante” (Araújo, 2022).

Contudo, esses valores passam por uma seleção, é necessário compreender as políticas de memória como uma disputa pelo que é representativo de um passado. Pensando nisso, Bauer e Borges (2019) comentam sobre a imposição de memórias sobre o coletivo, uma história marcada pela produção de símbolos nacionais feitos a partir da criação de monumentos. Estados nações necessitam de símbolos capazes de gerar vínculos que consolidam uma identidade coletiva nacional. Essa ideia de unidade privilegiou símbolos representativos de heróis masculinos do império e da nação e reproduziu inúmeras lacunas de histórias não contadas: histórias populares, femininas, negras, entre outras. É possível observar isso nos monumentos mais antigos das praças de Fortaleza, geralmente representando políticos e militares que atuaram na independência do país, representantes de uma fase heróica monumental que firmaram uma história nacional.

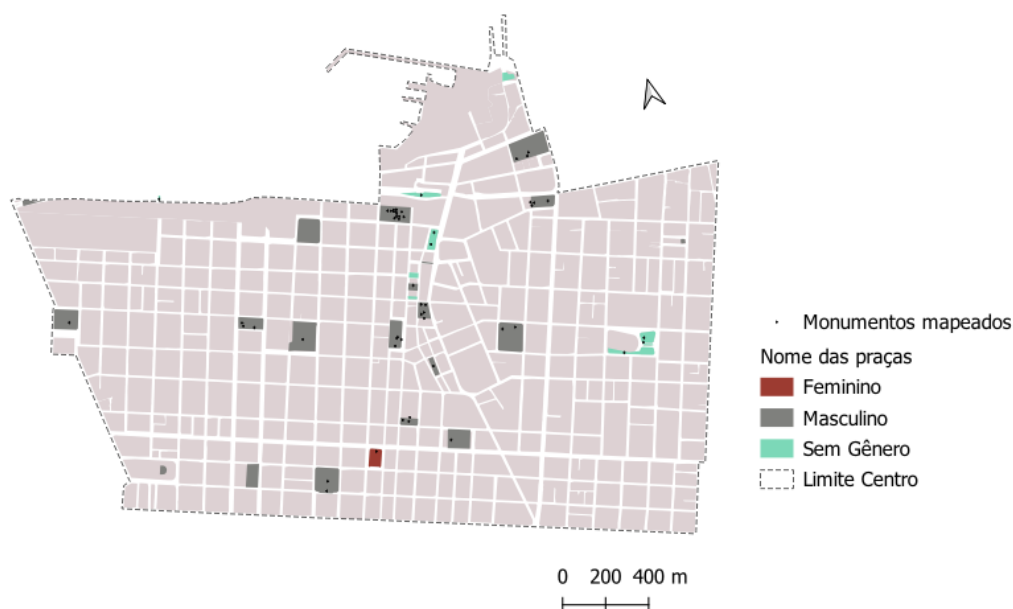
A possibilidade de questionamento dessas narrativas é algo que chega nos discursos sobre a memória pela primeira vez no Ocidente na década de 1960, no rastro da descolonização e dos novos movimentos sociais em sua busca por histórias alternativas e revisionistas (Huyssen, 2000). Contestar a quem o patrimônio e as narrativas dominantes servem é necessário, pois retiram os monumentos de um lugar de sacralidade incontestável, como relatam Bauer e Borges (2019). Sendo assim, valor patrimonial não é algo eterno e imutável, é exatamente por ser cultural que deve ser constantemente problematizado e atualizado para manter-se vivo na contemporaneidade. A ausência de um debate público inclusivo é o que leva os monumentos da paisagem ao negligenciamento e, eventualmente, ao esquecimento.

Quando não há uma conexão estabelecida de pertencimento e identidade, cria-se a impossibilidade da valorização adequada para esses elementos urbanos.

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE AS SUB-REPRESENTAÇÕES E SOBRE-REPRESENTAÇÕES DOS MONUMENTOS LEVANTADOS

A pesquisa realizou o levantamento em 28 praças e identificou 51 monumentos nestes espaços públicos. Pensar a representação nas praças é buscar formas de dar corpo e identidade a esse coletivo de significações, por isso observou-se o nome das praças a serem levantadas, aqui não caberia um estudo toponímico, foi apenas investigado o viés de gênero. Dessas 28 praças, 9 não têm nomes biográficos. Dentre essas, existem topônimos de símbolos cívicos, como a Praça da Bandeira, outros designam o próprio lugar que ocupa a Praça do Mercado. Das 21 praças biográficas, 19 levam nomes masculinos, sendo a única de topônimo feminino, seria a Praça do Carmo, relativo a um nome de uma santa.

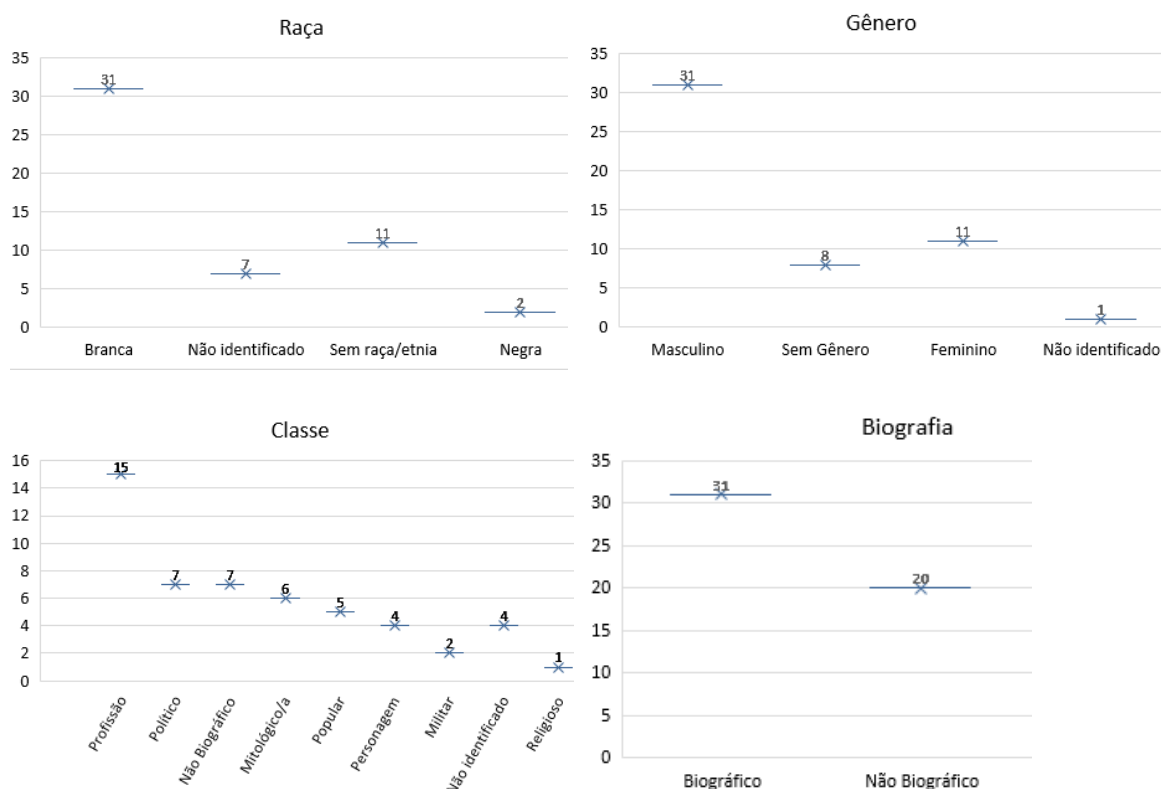
Figura 02: Toponímia e gênero das praças e distribuição aproximada dos 51 monumentos



Fonte: URBIFOR(2019); Elaboração das autoras (2026).

Nos chama atenção que a maior categoria presente na toponímia das praças são nomes de antigos políticos. Esse fator se repete nos monumentos, a natureza das homenagens que mais aparece são de figuras políticas e profissionais com influência político-militar. A terceira categoria que mais aparece nos monumentos que compõem a paisagem do centro, são as de seres mitológicos e animais que apresentam uma materialidade na linguagem clássica. O que vai ao encontro do que afirma Knauss (2000b) ao mencionar a popularização do uso das estátuas para homenagens, mas também para embelezamento e decoração com motivos clássicos no período de embelezamento e modernização das cidades. Como o tecido do Centro é um tecido antigo, se conforma principalmente no século XIX, é também nesse período que haverá um maior investimento nas praças, permanecendo como acervo secular em nossa cidade.

Figura 03: Esquemas gráficos dos 51 monumentos, quanto à raça, gênero, classe e biografia.



Fonte: Elaboração das autoras

Ao ponderar sobre o gráfico final, é inevitável fazer a associação com a construção da figura do herói, baseado na discussão trazida por Knauss (2000a). O herói do Estado-Nação, presente nos monumentos da praça de Fortaleza, é representado pela corporeidade de uma figura masculina e branca. O que só reforça o que já é muito dito: há a necessidade de incluir outras histórias e narrativas urbanas na paisagem.

Essas figuras sacralizadas, dotadas de feitos heróicos, apresentam uma importância para a nação e para a construção da identidade do Estado. É importante lembrar que parte desse processo de sacralização é feito pela manipulação de narrativas e acontecimentos. Uma seleção que decide o que deve ser exaltado e rememorado, enquanto outros elementos são levados ao esquecimento. Dois monumentos de pessoas brancas chamam atenção devido a essa seleção de memórias. A estátua de Gustavo Barroso, localizada na praça de mesmo nome, popularmente conhecida como “Praça do Liceu”, e o monumento do General Murilo Borges, presente, também, em praça de mesmo nome, possuindo nome popular de “Praça do Banco do Nordeste”.

O primeiro caso trata de Gustavo Barroso, celebrado como um intelectual, o primeiro diretor do Museu Histórico Nacional e, principalmente, como ex-aluno do Liceu do Centro, escola que dá nome à praça. Seu prestígio é construído através de uma manipulação deliberada da memória, que silencia aspectos cruciais de sua biografia para sacralizar sua imagem. Essas omissões incluem seu envolvimento com o movimento de extrema-direita e sua liderança na Ação Integralista Brasileira. Esse esquecimento é estratégico, pois Barroso é reconhecido como um dos mais proeminentes pensadores antissemitas do Brasil, com inúmeras pesquisas



associando-o ao pensamento eugênico e racista (Schwarcz, 2012; Queluz e Babinski, 2017).

O segundo caso aborda a figura do General Murilo Borges, militar e o último prefeito de Fortaleza antes do golpe militar de 1964. Contudo, a estratégia de sua rememoração concentrou-se na sua trajetória como ex-diretor do Banco do Nordeste (BNB), onde seu monumento está situado, tendo exercido essa função de 1968 a 1978. A exaltação, embora mantendo sua patente de General, minimizou deliberadamente sua identidade militar e seu papel no golpe, provavelmente devido à sua ativa participação e ao seu envolvimento em prisões políticas que ocorreram no seu próprio gabinete no BNB.

É necessário também realizar uma análise quanto ao gênero e sua forma de representação nos monumentos. Dentre as 51 estátuas catalogadas, em 28 praças no Centro de Fortaleza, há um total de 9 monumentos com representações femininas. A praça com mais exemplos do gênero feminino é o Passeio Público, com 6 monumentos no total. Porém, dentre todas as representações de mulheres, nenhuma delas é biográfica. Todas elas têm temas decorativos no estilo clássico e retratações mitológicas, enquadrando-se na estética de musa despida, são nomeadas de Vênus e banhistas. Outra praça com representação feminina é a Praça Cristo Redentor, com uma Placa/Totem que faz homenagem a geógrafa cearense Larysse Porto, apesar de ser biográfica e mencionar tanto seus feitos profissionais, quanto culturais, é um totem simples com material de lona impressa, inaugurado na última década. Já na Praça do Carmo, a representação feminina se faz na presença de uma estátua de Nossa Senhora da Paz.

Por fim, na Praça General Tibúrcio, conhecida como Praça dos Leões, há um monumento para a escritora e cronista cearense Rachel de Queiroz que também tem sua biografia atravessada pelo envolvimento com a ditadura (Lustosa, 2014). Sua estátua tem características mais populares, não está em um pedestal, como muitas representações masculinas de destaque. Segue uma estética mais contemporânea, está sentada em um banco no qual visitantes da praça podem aproximar-se. Esta e mais outras duas estátuas, do Chico da Matilde e Patativa do Assaré, presentes na praça do Centro Cultural Dragão do Mar, foram realizadas pelo escultor Murilo Toledo. Esse conjunto faz parte de um ciclo de inserção de monumentos, pós anos 2000, marcados pela afirmação de representatividade, pois figuram uma figura heroica negra, um herói nordestino e uma heroína mulher.

Com apenas duas representações no Centro de Fortaleza que homenageiam mulheres reais, refletimos sobre a lacuna significativa das contribuições femininas no espaço público, como também no reflexo de uma sociedade marcada pela invisibilização dos feitos das mulheres.

Se percebe também a ausência de figuras populares e da representação da história de comunidades negras e indígenas no centro da cidade. Sendo o monumento ao Muriçoca uma das únicas representações de pessoas autodeclaradas negras e populares dentro desse acervo. É um pequeno monumento dedicado a um antigo trabalhador do Theatro José de Alencar, sua localização é no limite do bairro, já dentro de uma área de assentamento precário denominada Arraial Moura Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva de estabelecer raça e gênero apresenta desafios para acessar documentação que tornem acessíveis às biografias e principalmente a autodeclaração em relação à raça dos homenageados, havendo lacunas na codificação que levaram à categoria “não identificado”. Sabemos que ainda hoje há a disputa de definições raciais de muitas figuras históricas brasileiras. Apesar de alguns entraves, ainda foi possível quantificar a predominância de um maior grupo homenageado na figura do mito do herói que tem uma representação de identidade de um homem branco, no mínimo 70% das pessoas homenageadas em praça pública tem essa identidade.

Com esses dados em mãos, ainda há muito campo para pesquisar e desdobrar os resultados desse levantamento. Contudo entendemos que um passo de inventariar e compreender identidades e representações de forma quantitativa foi realizado. A análise dos monumentos das 28 praças centrais de Fortaleza revela que a paisagem urbana funciona como um arquivo material do poder, figurando biografias e narrativas em praças públicas. O conceito de uma “liturgia autoconsagradora do poder” de Canclini (2013) se manifesta em números eloquentes, refletindo uma persistente estrutura de privilégio interseccional de figuras masculinas ligadas a profissões de poder: políticos e militares.

Existem figuras controversas marcadas no espaço público de Fortaleza, existem muitos militares, figuras ligadas à igreja católica e um sem-número de políticos e pessoas da elite. Foram 51 monumentos visitados e não há quase nenhuma representatividade do povo negro e indígena nesse acervo. Poucas foram as mulheres que tiveram seus feitos marcados no espaço público, apenas duas, e ambas as estátuas já foram colocadas depois dos anos 2000. Parece-nos forte ao final dessa pesquisa que as estátuas que marcam a paisagem do centro representam um grupo de poder homogêneo em Fortaleza, seja nas suas identidades quanto na estética que representam. Quanto às suas biografias, cada pessoa apresentará sua complexidade e a dessacralização do monumento permite justamente sua humanização e discussão mais profunda dos conflitos de suas trajetórias.

O homem negro e a mulher real são praticamente invisibilizados na paisagem dos monumentos, pois: identificamos apenas dois monumentos que evocam claramente um homem negro, uma delas corresponde a um monumento de menor investimento em uma pequena praça. Há apenas a representação de duas mulheres reais, ambas inseridas na paisagem apenas após os anos 2000, evidenciando a demora no reconhecimento de trajetórias femininas. Muitas das figuras femininas presentes na paisagem do centro são decorativas, musas greco-romanas. Esta iconografia, ao invés de honrar feitos, reforça a objetificação e a função decorativa da mulher no espaço público. E não há a presença de nenhuma representação de uma mulher negra.

Existe um conjunto de diferentes esculturas nas praças da cidade, mas figura na paisagem a estética hegemônica da linguagem clássica do período de embelezamento e modernização das cidades. Marcada pelo uso de bustos em pedestais, bronze e iconografia clássica, presente no tecido mais antigo da cidade, um padrão que ressalta na paisagem até hoje.

Conclui-se, portanto, que a paisagem de monumentos nas praças do centro de Fortaleza operou como um poderoso vetor material para materializar e comunicar identidades. Dentre as diferentes construções de ideias, em termos quantitativos há uma hegemonia de memorialização que aponta para a construção identidade coletiva nacional e local pautada em representações masculinas, brancas e de elite. A lacuna



de representatividade feminina e negra é resultado direto de políticas de memória seletivas. O desafio contemporâneo reside em, por meio de uma leitura crítica, retirar esses monumentos do lugar de sacralidade incontestável (Bauer e Borges, 2019) e fomentar um debate público inclusivo que não apenas ressignifique os monumentos na paisagem, mas conceba a cidade como uma memória viva e mais fiel à diversidade social. A dessacralização do acervo patrimonial da paisagem permite problematizar os processos sociais históricos que o geraram (Gonçalves, 2014). Desnaturalizar símbolos e refletir sobre o que eles produzem é caminho para uma educação crítica sobre uma paisagem de memórias. Essa abordagem permite pensar uma paisagem não só como lugar herdado, mas como lugar reivindicado.

REFERÊNCIAS

LIVROS: CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

BERTH, Joice. *Se a cidade fosse nossa: racismo, falocentrismos e opressões na cidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano; PUC-Rio, 2000.

SARMIENTO, Lúcia; CAPELO FILHO, José. *Fortaleza: praças, parques e monumentos – Centro Antigo*. Fortaleza: Prefeitura de Fortaleza; FUNCET, 2000.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: se cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870–1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAPÍTULOS DE LIVROS: ARAUJO, Valdeci. Atualizar monumentos e (des)ativar histórias. In: MENEGUELLO, Cristina; BENTIVOGLIO, Julio (org.). *Corpos e pedras: estátuas, monumentalidade e história*. Vitória: Editora Milfontes, 2022.

CHUVA, Márcia. Restituição e reparação: refletindo sobre patrimônios em diáspora. In: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos (org.). *Patrimônio, resistência e direitos: histórias entre trajetórias e perspectiva em rede*. Vitória: Milfontes, 2022.

KNAUSS, Paulo. Imaginária urbana: escultura pública na paisagem construída do Brasil. In: SALGUEIRO, Heliana (org.). *Paisagem e arte*. São Paulo: CBHA, 2000a.

LIMA, Mônica; MATTOS, Hebe; GRINBERG, Keila; ABREU, Marta. Monumentos, conflitos e narrativas históricas. In: MENEGUELLO, Cristina; BENTIVOGLIO, Julio (org.). *Corpos e pedras: estátuas, monumentalidade e história*. Vitória: Editora Milfontes, 2022.

MENESES, Ulpiano. A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: IPHAN. *Patrimônio: atualizando o debate*. São Paulo: IPHAN, 2006. p. 34–76.

SANDERCOCK, Leonie. Introduction: framing insurgent historiographies for planning. In: SANDERCOCK, Leonie. *Making the invisible visible*. Berkeley: University of California Press, 1998. p. 1–36.

PERIÓDICOS: BAUER, Leticia Brandt; BORGES, Viviane Trindade. O patrimônio cultural e a história pública: observações sobre os embates contemporâneos. *Revista NUPEM*, v. 11, n. 23, 2019.

GONÇALVES, Janice. Da educação do público à participação cidadã: sobre ações educativas e patrimônio cultural. *Mouseion*, Canoas, n. 18, dez. 2014.



KNAUSS, Paulo. O descobrimento do Brasil em escultura: imagens do civismo. *Projeto História*, São Paulo, n. 20, 2000b.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. *Gávea*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 87–93, 1985.

QUELUZ, Gilson; BABINSKI, Karla. Gustavo Barroso: eugenia e nacionalismo autoritário. *Intellêctus*, v. 16, n. 1, p. 152–176, 2017.

RATTS, Alex. A diferença negra e indígena no território: observações acerca de Fortaleza e do Ceará. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 7, n. 12, p. 3–16, 2016. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/527>. Acesso em: dez. 2025.

SEGATO, Rita. Si borramos el paisaje nos quedamos sin ombligo. *Revista Crisis*, 2022. Disponível em: <https://revistacrisis.com.ar/notas/rita-segato-si-borramos-el-paisaje-nos-quedamos-sin-ombligo>. Acesso em: dez. 2025.

DOCUMENTOS E RELATÓRIOS:

CANECO, Cássia; CALVACANTE, Lara; SANTOS, Maria Gabriela; NISIDA, Vitor. *Patrimônio, memória & diversidade*. São Paulo: Instituto Pólis, 2023.

LUSTOSA, Isabel. *Rachel e o golpe*. Instituto Moreira Salles, 2 abr. 2014. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/rachel-e-o-golpe/>. Acesso em: 5 jan. 2026

SÃO PAULO (Município). Departamento de Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: O Departamento, 1992.